

Brasil

ECONOMIA INTERNACIONAL

Competitividade Piora do governo impede melhora no ranking; Finlândia continua a galgar posições

País melhora, mas mantém 31º lugar

Heloisa Magalhães
Do Rio

Após ter saltado três posições, em 1999, o Brasil se manteve, pelo segundo ano consecutivo, como o 31º país no ranking mundial de competitividade. A lista é elaborada pelo IMD (International Management Development Institute), prestigiado centro estudos para executivos, sediado em Lausanne, na Suíça.

Estados Unidos e Cingapura continuam como o primeiro e segundo da lista, respectivamente. Mas o país em ascensão é a Finlândia, que vem subindo uma posição por ano e agora chegou a terceira. Em 2000, era o quarto, em 1999, o quinto e em 1997, o sétimo.

O estudo do IMD é semelhante ao elaborado pelo World Economic Forum. Muda a metodologia. O IMD analisa a capacidade de um

país oferecer um ambiente para empresas serem competitivas. Estuda 49 países, a partir de 286 indicadores baseados no desempenho econômico, oferta de infra-estrutura, eficiência no governo e nos negócios. Os dados são levados em pesquisa junto a executivos e fornecidos por organizações as mais diversas, no Brasil, pela Fundação Dom Cabral, coordenado pelo professor Aldemir Drumond.

No anúario, o Brasil teve uma melhora na avaliação quanto à economia mas uma piora no que se refere ao desempenho do governo. A questão de educação está dentro do papel do governo e apesar do país estar investindo muito o resultado é a longo prazo, lembra o professor Drumond. Na mostra com 49 países, o Brasil no que se refere ao analfabetismo de adultos está em 46º, o que baixa a cotação. O sistema legal fica em 45º. O custo de capital é outro

ponto negativo, em 44º. Na performance das exportações relativa ao PIB o Brasil detém a 48ª posição relata o professor.

Entre os pontos positivos está o investimento direto estrangeiro. O Brasil é o terceiro no ranking. O aumento do volume foi o maior de todos, por isso neste item o Brasil ficou em primeiro lugar. O superávit das contas do governo, antes dos juros, é item de avaliação favorável assim como é percebido que a gestão das contas públicas melhorou.

Já a Finlândia, por exemplo, no itens denominados como "atraividade para locação de atividades econômicas" é o terceiro no ranking no item que trata da capacidade do país atrair indústrias (o Brasil fica no 28º), o segundo em pesquisa e desenvolvimento (o Brasil, 31º) e o terceiro em serviços e gestão (30º). Os Estados Unidos, por incrível que pareça, ficam em segundo para atrair indús-

Ranking da competitividade

Nas maiores economias do mundo, por pontos

Top 16	Posição			Pontos			Intermediários	Posição			Pontos			Países promissores	Posição			Pontos					
	1999	2000	2001	1999	2000	2001		1999	2000	2001	1999	2000	2001		1999	2000	2001	1999	2000	2001			
1 EUA	1	1	100,0	17	Bélgica	21	19	66,0	33	China	29	30	49,5	34	Portugal	27	29	48,4	35	República Tcheca	37	40	46,7
2 Cingapura	2	2	87,7	18	Taiwan	15	20	64,8	36	México	35	33	43,7	37	Eslaváquia	-	-	43,6	38	Tailândia	36	35	42,7
3 Finlândia	5	4	83,4	19	Reino Unido	19	16	64,8	39	Eslóvénia	39	36	42,5	40	Filipinas	31	37	40,6	41	Índia	42	39	40,4
4 Luxemburgo	3	6	82,8	20	Noruega	16	17	63,1	42	Afácia do Sul	43	43	38,6	43	Argentina	33	41	37,5	44	Turquia	38	42	35,4
5 Holanda	4	3	81,5	21	Nova Zelândia	17	18	61,7	45	Rússia	46	47	34,6	46	Colômbia	45	45	32,8	47	Polônia	40	38	32,0
6 Hong Kong	6	12	79,5	22	Estônia	-	-	60,2	48	Venezuela	44	46	30,7	32	Itália	30	32	49,6	33	China	29	30	49,5
7 Irlanda	8	5	79,2	23	Espanha	20	23	60,1	34	Portugal	27	29	48,4	35	República Tcheca	37	40	46,7	36	México	35	33	43,7
8 Suécia	14	14	77,9	24	Chile	25	25	59,8	37	Eslaváquia	-	-	43,6	38	Tailândia	36	35	42,7	39	Eslóvénia	39	36	42,5
9 Canadá	10	8	76,9	25	França	23	22	59,6	40	Filipinas	31	37	40,6	41	Índia	42	39	40,4	42	Afácia do Sul	43	43	38,6
10 Suíça	7	7	76,8	26	Japão	24	24	57,5	43	Argentina	33	41	37,5	44	Turquia	38	42	35,4	45	Rússia	46	47	34,6
11 Austrália	11	10	75,9	27	Hungria	26	26	55,6	46	Rússia	46	47	34,6	46	Colômbia	45	45	32,8	47	Polônia	40	38	32,0
12 Alemanha	12	11	74,0	28	Coréia	41	28	51,1	48	Venezuela	44	46	30,7	33	China	29	30	49,5	34	Portugal	27	29	48,4
13 Islândia	13	9	73,7	29	Malásia	28	27	50,0	34	Portugal	27	29	48,4	35	República Tcheca	37	40	46,7	36	México	35	33	43,7
14 Áustria	18	15	72,5	30	Grécia	32	34	49,9	37	Eslaváquia	-	-	43,6	38	Turquia	38	42	35,4	39	Eslóvénia	39	36	42,5
15 Dinamarca	9	13	71,8	31	Brasil	34	31	49,7	40	Polônia	40	38	32,0	41	Índia	42	39	40,4	42	Afácia do Sul	43	43	38,6
16 Israel	22	21	67,9	32	Itália	30	32	49,6	43	Argentina	33	41	37,5	44	República Tcheca	37	40	46,7	45	México	35	33	43,7

Fonte: IMD

trias, devido ao volume de investimentos que já existem. Mas fica em primeiro nos outros ítems. Cingapura é o primeiro na atração por manufaturas mas fica em terceiro em gestão e pesquisa e desenvolvimento.

Para o IMD, competitividade está cada vez mais vinculada à capacitação intelectual: "Na guerra entre países ganha quem atraí os melhores cérebros", relata o diretor do projeto, o professor Stéphane Garelli.

O instituto mudou completamente a tecnologia esse ano, colocou mais peso para a infra-estrutura e tecnologia da informação, o

acesso à internet. A Finlândia e a Suécia estão entre os mais avançados no ensino a distância, via internet. Mas a falta de conhecimento em tecnologia da informação parece "endêmica" para muitos países, destaca o IMD. Em contrapartida, países como a Finlândia, priorizaram a tecnologia e atraíram centros de pesquisas. A internet burla inclusive a rígida legislação trabalhista europeia, pois permite o trabalho diferentes horas do dia e mais que as 35 horas semanais legais da França, por exemplo. Para o IMD, outra característica que influiu diretamente na competi-

tividade é a agressividade internacional, estímulo às exportações e investimentos diretos no exterior. Alemanha, Japão e Coréia seguiram essa estratégia. Mas, em paralelo, alguns países tornar-se atrativos, como Irlanda e Cingapura, por meio de incentivos e investimento direto. A análise de Garelli destaca, também, que o sistema econômico geralmente não é homogêneo e na maioria dos casos os países precisam conviver com dois tipos de economia, a local e a voltada para a globalização. Na Europa Oriental, dois terços do PIB vêm da economia local.